

Glaura
Hilário
Brockstedt



Poetizando

Palavras

VERSÃO EBOOK

méritos
editora

Glaura
Hilário
Brockstedt

*P*oetizando
*P*alavras

Versão
E-book/PDF
2020

méritos
editora

© 2020 versão e-book / PDF
© 2013 versão livro em papel

Livraria e Editora Méritos Ltda.
Rua do Retiro, 846
Passo Fundo - RS, CEP 99074-260
Fone: (54) 3313-7317
Página na internet: www.meritos.com.br
E-mail: sac@meritos.com.br

Charles Pimentel da Silva
Editor

Jenifer B. Hahn
Auxiliar de provas

Léo Hélio Dellazzari
Revisão final

◆ Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998. Partes deste livro podem ser reproduzidas, desde que citados os responsáveis pela publicação do livro, desde os organizadores, até os autores dos capítulos, conforme as normas da ABNT. Modelo geral de referência:

BROCKSTEDT, Glaura Hilário. *Poetizando palavras*. Passo Fundo: Méritos, 2020. 92 p. [Versão e-book].

B864p Brockstedt, Glaura Hilário
Poetizando palavras / Glaura Hilário
Brockstedt. – Passo Fundo: Méritos, 2013.
92 p.

1. Poesia 2. Literatura brasileira I. Título
CDU:869,0(81)-1

Catálogo na fonte: biblioteca Marisa Miguellis CRB10/1241

ISBN versão e-book / PDF: 978-65-990746-7-7
ISBN versão livro em papel: 978-85-8200-024-3

Brasil

Para o Gilberto (in memoriam) e aos meus filhos.

*Agradeço ao bom Deus, por ter me dado
este impulso e a oportunidade de poder
poetizar palavras, reveladoras dos
meus sentimentos e emoções.*

*Ao meu querido marido (in memoriam),
fonte de minhas inspirações e com
quem muito aprendi na vida.*

*Aos meus amados filhos, graças divinas,
pelo que são e representam para mim, fazendo
com que me sinta uma mãe realizada.*

*Agradeço, com grande admiração, ao Charles,
pelo trabalho que incansavelmente dedicou
para que este livro saísse a contento.*

Prefácio

Devo dizer que os poemas de Glaura Hilário Brocks-tedt são muito bem elaborados e sensíveis. Proporcionam momentos de emoção e reflexão, pois nascem da realidade da vida cotidiana, afinal, ela é filha, irmã, esposa, mãe, avó e amiga... Entre tantas pessoas que a admiram e se sentem agraciadas com suas recordações, eu aí me incluo.

Do transcorrer de nossas existências, lembro da Glaura estudiosa, inteligente e interessada em literatura. Tinha facilidade com comunicação. Talvez por isso tenha sido escolhida como oradora quando de sua formatura de Magistério. Tarefa que fez à perfeição. Permitam-me lembrar um trecho muito apreciado de seu discurso:

“A missão que nos espera será árdua e clamará sacrifícios, mas frente àqueles olhinhos inocentes e assustados nos fitando, que tão bem enxergamos na imaginação, sentimos que nossa tarefa será suavizada pelo carinho e pelo amor.

Nossa missão é nobre!!!

Por meio dela, iremos modelar e plasmar na verdade e no bem aquelas criaturas que Deus porá em nosso caminho, para fazermo-las subir moralmente e triunfar na vida.

O mundo hodierno necessita de indivíduos capazes, de consciências modeladas, de caráter formado e, por que, então, não colaborarmos oferecendo aquilo de bom que adquirimos?

Por pequena e humilde que seja nossa colaboração, esta contribuirá para que haja um mundo melhor...”

Já no ensino superior, Glaura formou-se em Letras e pós-graduou-se em Folclore Gaúcho, o que lhe deu muita bagagem literária.

Tenho certeza de que todos que penetrarem na leitura deste livro, permeada de sonhos e realismo, conhecerão um exemplo de vida, o de Glaura, e certamente encontrarão mais motivos para desfrutar de momentos de felicidade, ternura e amor.

Prefaciando esta obra me orgulha. Ler estas páginas trabalhadas com tanto carinho e competência por minha querida cunhada e amiga foi uma tarefa prazerosa, e, além do mais, seminal, pois foi a partir de seus lindos versos que inspirei esta mensagem final:

*“É ‘Poetizando palavras’,
livro de sonhos e saudades,
que a Glaura fez com esmero
augurando a todos Felicidades...”*

*Ialmar Pio Schneider
Porto Alegre, inverno de 2013*

Apresentação

*A história que eu vou contar
é uma história verdadeira.*

*Conta a vida de uma prenda
toda bonita e faceira.*

(Glaura Brockstedt)

Apasionada pela vida e atenta às oportunidades, a soledadense Glaura entrou nesta primavera decidida a publicar alguns dos escritos que alagavam sua agenda telefônica, os cadernos de culinária, os álbuns de fotografias, os livros, as caixas de recordações... a casa inteira.

Um lápis e um simples pedaço de papel bastam para registrar sentimentos, ideias, conselhos, homenagens, enfim, seus escritos. Glaura se dispõe a isso a qualquer hora do dia. Certa ela, afinal, ideia não avisa quando vai chegar.

Sua fama vem dos tempos do Colégio Santíssima Trindade, de Cruz Alta, quando era requisitada para ajudar em redações e até em mensagens românticas... Imaginem!

Teria a Glaura o poder de traduzir em palavras os suspiros do coração? O Seu Gilberto que o diga, pois com

ela trocou inúmeras cartas de amor. Ele foi sua grande paixão e companheiro de quase 50 anos de vida. Inclusive, é recordado com muita emoção nesta obra. Atualmente é lembrado como um dos patronos da Academia Soledadense de Letras, da qual Glaura hoje faz parte, ocupando a cadeira n^o 10, tendo como patrono o saudoso Jaime Caetano Braum.

Neste ano, Glaura também passou a fazer parte da Academia Nacional de Letras, do Portal do Poeta Brasileiro. Para ela, todas as suas conquistas nasceram não apenas de sua formação, mas também de sua experiência em escolas e, é claro, de seus trabalhos na 25^a Coordenadoria Regional de Educação, como supervisora escolar.

Além de tudo isso, não se pode esquecer que a nossa autora é mãe de cinco filhos, avó zelosa de seis netos, amiga e irmã sincera, sempre pronta a “estender a mão e atender a qualquer convite”, como ela mesmo diz. Na comunidade, Glaura é uma referência aos vizinhos e essencialmente uma pessoa responsável e cativante, pelo menos é isso que as cartas de suas ex-alunas expressam, assim como suas requisitadas entrevistas às rádios locais...

Talvez o nome Glaura devesse ter sido mesmo transformado em poesia, tal como o fez Silva Alvarenga há muito

tempo, referindo-se a sua amada, que não era a nossa autora, mas que vale o saudoso empréstimo literário:

*“Nos braços da ternura.
Ó dias de ventura,
Glaura vereis à sombra das mangueiras!
Suave agosto... as verdes laranjeiras
Co’ a turba dos Amores
Vem feliz matizar as brancas flores.”*

E ainda mais enfático:

*“Suave fonte pura,
Que desces murmurando sobre a areia,
Eu sei que a linda Glaura se recreia
Vendo em ti dos seus olhos a ternura;
Ela já te procura;
Ah! como vem formosa e sem desgosto!
Não lhe pintes o rosto:
Pinta-lhe, ó clara fonte, por piedade,
Meu terno amor, minha infeliz saudade.”*

Além de conhecer uma inspiradora história, neste livro os leitores também poderão identificar-se com poemas que retratam costumes, aventuras, namoricos, conhecer um pouco sobre aves, mais exatamente sobre o pavão, “o rei das aves”, como dizia Gilberto...

É, porém, pelas opiniões filosóficas e existenciais que a poesia de Glaura respira e a sensibilidade vai se revelando, a cada palavra, a cada rima.

Rogo a Deus que pessoas como a Glaura continuem matizando as brancas flores e *poetizando (em) palavras* seus amores, para, assim, dar ao mundo novas cores, lindas como as das penas dos pavões em dia de cortejo.

Marilise Brockstedt Lech

Cadeira 39, Academia Passo-Fundense de Letras,
confreira e filha de Glaura – com muito orgulho!

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
<i>Apresentação</i>	11
<i>Soledade</i>	19
<i>Medicina caseira</i>	21
<i>Infância</i>	23
<i>Amigos</i>	25
<i>Oh vida!</i>	27
<i>Irmãos</i>	29
<i>Liberdade de crescer</i>	31
<i>Meu pai</i>	33
<i>Minha mãe</i>	35
<i>Minha história de Natal</i>	37
<i>Adolescência</i>	39
<i>Namorados</i>	41
<i>A chuva e a paixão</i>	43
<i>Pavão</i>	45
<i>Bebê</i>	49
<i>Acróstico aos netos caçulas</i>	51
<i>Folclore</i>	53
<i>Vida no interior</i>	55
<i>Acróstico para o Gilberto</i>	57
<i>Foi assim</i>	59
<i>Felicidade</i>	61

<i>Chuva</i>	62
<i>No sítio</i>	63
<i>Por quê?</i>	65
<i>Na sala</i>	66
<i>Ao vento</i>	67
<i>Crepúsculo</i>	68
<i>Dia dos Pais</i>	69
<i>Acróstico ao Noronha</i>	70
<i>Contrastes</i>	71
<i>Esperança de prenda</i>	72
<i>Graciela, neta querida</i>	74
<i>Vai a tarde</i>	75
<i>Jamais</i>	76
<i>Carta ao Sr. Noronha</i>	77
<i>Incerteza</i>	78
<i>Pombo-correio</i>	79
<i>A vida</i>	80
<i>Entrada triunfal da primavera</i>	81
<i>Entardecer</i>	82
<i>Selos</i>	83
<i>Acróstico para o Maestro</i>	84
<i>Acróstico para a Dona Jeni</i>	85
<i>Magia da palavra</i>	86
<i>Acróstico para o Rodrigo</i>	87
<i>Vida</i>	88
<i>Conta-gotas</i>	89



*A*inda ardia o sol, quando se terminava de abrir a Picada do Botucaraí, trezentos anos depois do descobrimento do Brasil, então colônia de Portugal. Ali, no Cimo da Serra, ao norte de Rio Pardo, mais um caminho se formava por entre as agruras da mata selvagem. Isso porque o lugar já era conhecido muito antes, por índios e também por missionários. Porém, suas terras não eram tão férteis quanto às das Missões, nem seus pastos tão abundantes quanto aos das Vacarias. Talvez por isso a região se chamasse “Nossa Senhora da Solidão”.

Dali se extraía a erva-mate, a grande riqueza daquele chão. Depois vieram os tropeiros... quando a picada foi aberta. Isso também tinha a ver com a mineria. Nesse solo havia riqueza além do pasto ralo. E era tanto o fascínio por pedras preciosas, que veio gente de várias partes do país e até de fora, lusos, alemães, franceses, italianos, libaneses e poloneses, mesclando-se com os espanhóis.

E, em 1875, o que era freguesia passou a vila. Com o novo nome, “Soledade”, despontava o comércio no raiar do século XX, com os campos gerando trabalho e as florestas sendo desbravadas. Sem falar das sesmarias que passaram a ser ocupadas. A pequena propriedade rural teve início e, vejam só, a agricultura e a pecuária floresceram.

Soledade



*S*oledade, oh terra bendita!

Tua velha lenda a ti retrata.

*Nasceu em lindos campos verdejantes,
abrigando índios, aventureiros e bandeirantes.*

*No teu chão acolhedor, deste guarida
a homens fortes, de grande coragem,
que buscavam a sedenta seiva,
trabalhando o solo, coberto de pastagem.*

*Pouco a pouco, o progresso foi chegando
e a região já foi logo transformando
em lugar acolhedor e produtivo
e assim a terra se tornou belo atrativo.*

*Foi lugar de “pelo duro” e “gringo” trabalhador,
como também de “peão”, bom laçador.*

*De vila, virou cidade,
não mais sendo “solidão” para ser a “Soledade”.*



Logo a industrialização se financiou. Madeiras, pastas, calçados, farinhas e até acordeões... tudo se fazia. E foi nesta Soledade forte, histórica, econômica e socialmente bem constituída, que eu nasci, a 17 de fevereiro de 1941.

Nessa década, o Moinho Soledadense estava a pleno e as ruas eram adornadas por fileiras de casas de madeira. A praça ganhava os primeiros alinhamentos e a prefeitura estalava de tão nova. Porém não havia calçamento. Ah, quanta mãe enfurecida em dia de ventania, às voltas com as roupas no varal... o desafio também se estendia aos camioneiros. Quanto atoleiro em dia de vendaval!

O Colégio das Irmãs marcou por dezenas de anos a educação da juventude soledadense, até com internato para quem quisesse seguir a vocação religiosa. Havia escola de música e jardim de infantes também. Era um tempo onde as coisas eram bem diferentes noutros aspectos, inclusive. Os nascimentos, por exemplo, aconteciam em casa mesmo. Assim foi comigo e com meus irmãos, a Naura, a Ninfa (*in memorian*), o João Pedro (*in memorian*), a Helena e o José Carlos, este de quem eu lembro bem, desde quando veio à luz.

Os médicos, poucos, só eram procurados para casos de gravidade. Quando havia algum nascimento, recorria-se às parteiras, muitas vezes à noite.

Medicina caseira



*N*a busca do bem-estar e qualidade de vida,
era comum se valer do saber da benzedeira.

*A ela se apelava, noite ou dia,
em caso febre ou dor, por meio da medicina caseira.*

Chás, xaropes e benzimentos eram logo indicados.

*Fazia-se cataplasma de farinha de mandioca.
Colocado no paciente, dava-lhe alívio imediato,
um meio muito eficaz, simples e barato.*

No nascimento de um filho, não se saía de casa.

*Vinha a famosa parteira, tão logo fosse chamada.
Ali mesmo resolvia, com a maior facilidade,
trazendo o belo rebento e grande felicidade.*

*Hoje, não é assim, pois tudo é bem diferente,
mas é bom nunca deixar de lado nem esquecer
que, na vida atropelada da gente,
a medicina caseira pode ainda muito valer.*



Sempre admirei a disposição dessas pessoas especiais, que tão só com plantas medicinais, simpatias, orações e pura sabedoria auxiliavam na concepção de novas vidas. Lembro que havia uma preocupação com o período pós-parto... as mulheres deveriam fazer dieta por 40 dias; não podiam fazer esforços e tinham que ficar longe do fogo, entre outras coisas. Não se podia lavar a cabeça, principalmente, na primeira semana depois do parto, pois as mães podiam ficar “fora de si”...

Tive uma infância de muitas alegrias, vivida com muito amor e carinho... Foram bons tempos e bem vividos. Tínhamos plenitude. Brincávamos muito, inclusive com coisas que a gente mesmo fazia. Muitos brinquedos tinham que ser construídos à mão.

Isso mesmo! Fazíamos as próprias bonecas, de pano. Eram chamadas de “bruxas”. Hoje há uma infinidade de opções em relação a esses objetos destinados à diversão. Isso me faz pensar: *Não resulta prejudicada a imaginação?*

Tudo acontecia na rua Pinheiro Machado, onde nasci, cresci, vivi e envelheci. Acho até que sou patrimônio dessa rua, ou a rua é patrimônio de mim. Era a distração fora de casa. Na rua, passavam, quando muito, dois ou três carros durante o dia.

Infância



*Ser criança não é fácil, depende que alguém a assuma.
O mundo é bem diferente, daquele que é só da infância,
que desconhece maldade, sofrimento e agrura,
que dá valor só às coisas de real importância.*

*Saudade da minha infância, saudade mesmo de mim.
Ficava o tempo inteiro, num doce mundo a brincar.
Tudo era sonho, uma fantasia encantada.
Com tudo dentro da lembrança, não tem como não lembrar.*

*A vida moderna de hoje faz os pais refletirem:
“O que nesta vida é preciso saber?”
Que a vida não se restringe apenas em tudo ter.*



Era o lugar ideal onde a gente se juntava. Falo das meninas e meninos da vizinhança. Ficávamos no meio da rua, fazendo cantigas de roda. Lembram daquela famosa do folclore brasileiro: “*A canoa virou... Por deixar ela virar... Foi por causa da (nome da pessoa)... Que não soube remar...*” E tinha aquela outra bem conhecida “*Atirei o pau no gato tô tô...*” e ainda: “*Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...*” Sem falar das canções inventadas na hora.

Pulávamos amarelinha, tinha o bambolê e também jogávamos “*três Marias*”, “*ovo choco*”, “*mamãe posso ir*”, “*pega-pega*”, “*passa-anel*” (que consistia em passar de mão em mão um anel até alguém adivinhar com quem estava), entre outras. Para mim, a brincadeira mais emocionante era o *caçador*. A gente jogava muito. Hoje, não se ouve falar muito, mas o objetivo era acertar o adversário com uma bola. Uma pessoa caçava. Quanto mais força em arremessar a bola, mais possibilidade de acertar, pois todos saíam correndo esquivando-se das boladas.

E eu tenho uma prima muito querida, a Léa Gomes, que estava sempre com a gente. Ela era muito temida quando era a caçadora, porque seus arremessos eram para tontear. E a gente ia para o campo já tremendo. Sabíamos que, ao menor descuido, a bolada seria certa.

Amigos



*Que amarga seria a vida
se não houvesse um amigo.
É ele que nos consola
e nos salva do perigo.*

*Amigo que é verdadeiro
faz da vida uma beleza.
O seu sorriso encoraja
a tirar toda tristeza.*

*Amizade é dom natural,
que chega sem escolher,
não exige cobrança
nem sabe o que é ofender.*

*Amigo que é amigo
divide as alegrias,
reparte a sua tristeza,
não exige, não reclama
e soma tudo que ama.*



Dos primeiros anos, lembro de muitas amigas... Vou citar aqui a Margarida Gabineski, como uma das minhas referências da infância. A Margarida mora em Canoas, mas, mesmo longe uma da outra, até hoje mantemos os laços de amizade. Até... há pouco, ela veio comemorar o seu aniversário em Soledade e eu fui a primeira convidada. É incrível que, quando a gente se encontra, parece que revivemos aqueles bons tempos. Passamos momentos muitos felizes juntas.

Na época de menina, não só estudava e brincava, tinha que ajudar a mãe, tinha que trabalhar também. Alguma coisa sempre se fazia, pois havia tarefas para cada um dos irmãos. A mim cabia arrumar as camas, lavar a louça às vezes e outros serviços mais leves.

Uma coisa que eu não gostava muito era de escovar o chão. O assoalho era branco e quase não se punha óleo nem tinta. Então, era a gente que escovava ele. E nas mesas também. Eram de madeira crua, nem envernizada, nem pintada... só mesmo a escova para deixar aquilo bem limpinho... Desse trabalho, confesso que fugia, mas por sorte a gente se revezava... uma irmã, depois a outra.

Éramos em seis irmãos e nosso convívio, de muita cumplicidade... nenhuma briga chegou a dividir a gente. E, quando alguma acontecia, era por motivos banais.

Oh vida!



*D*iante de tudo que nos dás de lindo,
por que tu nos encantas e fascinas,
se tudo é tão fugaz e passageiro,
se nada fica e tudo se termina?

A casa em que vivi, anos e anos,
quis o destino vê-la destruída.
Ao ouvir as pancadas do martelo,
sinto em minh`alma a perda da melhor guarida.

*C*ada tábuia que cai é uma saudade
dos lindos dias que ali passei
junto aos meus pais, irmãos, todos reunidos,
aqueles que na vida muito amei!

*V*ejo, no entanto, que esta vida é assim:
as coisas mudam, vão, desaparecem.
E o que me dá um certo conformismo
é que a saudade e o amor “jamais fenecem”.



O que, sim, havia eram certas animosidades entre eu e uma irmã de idade próxima à minha. Coisa de criança em busca de seu espaço. É que dormíamos na mesma cama, afinal éramos uma família numerosa. Enfim, os desentendimentos se davam pela disputa de um pedaço a mais de colchão para dormir...

Dois dos meus irmãos são falecidos, o João Pedro e a Ninfa. Somos três mulheres e um homem hoje. A mais velha, a Naura, é para mim uma segunda mãe, porque sempre se preocupou com a saúde dos menores e ajudou a criá-los. Imaginem! Ela se preocupa até com as minhas viagens. É uma mãe! E é muito conhecida também em nossa cidade. Depois de adultas, convivemos no tempo que ela tinha um comércio, e, por tudo isso, a gente é muito apegada.

Uma outra irmã, a Helena, reside em Porto Alegre, mas, mesmo distantes, pela geografia, sentimos que estamos sempre muito próximas.

Já o José Carlos, carinhosamente chamado “Tiozinho”, é muito conhecido aqui na nossa cidade. Seu apelido pegou porque é o caçula da família. Mais exatamente, foi assim, logo depois que ele nasceu, veio ao mundo um sobrinho nosso.

Irmãos



*I*rmãos, almas unidas, entrelaçadas,
juntos comungam os mesmos sonhos,
até que um dia escolhem seu caminho,
esperando que nada venha ser tristonho.

*Vo*ando, até pra bem longe,
todos seguem sua jornada,
sem nunca esquecer o ninho
que foi sempre sua morada.

O que não devem esquecer estejam onde estiverem,
são os valores e os princípios deixados pelos seus pais.
É o que norteará suas vidas, passem por onde passarem,
relembrando com saudade o que já não volta jamais.

Ter irmãos é uma dádiva sagrada,
só de amor, cumplicidade e união.
Devemos preservar com muito zelo
o que Deus fez em comunhão.



E aí, como ambos eram pequenos e andavam de mãozinhas dadas pela rua, assim ficou, “Tiozinho”, porque foi tio muito pequeno.

Ah, tenho que somar aos meus irmãos a Maria Laís, uma sobrinha, considerada irmã, por ter sido criada pelos avós e crescido junto da gente, até que se casou... Ela é hoje historiadora.

Além das brincadeiras, a criança tinha que estudar também. Fiz a primeira série no Grupo Escolar Maurício Cardoso. Depois, ainda em Soledade, cursei o “ginásio”, que, até 1971, no Brasil, era o estágio educacional entre o primário e o colegial (os últimos 4 anos do hoje fundamental). Para aceder ao ginásial, tínhamos que fazer um exame.

Bom, nesse tempo, a gente tinha a turma dos jogos. Eu deixei para falar do vôlei só agora, não porque não gostasse desse esporte, adoro. Na minha época, jogava-se vôlei na praça, em frente à Igreja Matriz, também em plena rua, nos arredores de casa e sempre com amigos. Que saudade!

Tudo bem, devo admitir que não havia tanto fluxo de carros e, por isso, ocupávamos todo o espaço, o que hoje já nem seria possível fazer... Porém, olhando, hoje, aquele lugar pavimentado, demarcado, veloz, perigoso... sinto um aperto e uma saudade dos momentos que originaram tantas amizades, inclusive as mais profundas.

Liberdade de crescer



*N*ão se pode confundir, ao pensar em liberdade,
pois muitos a confundem com a tal libertinagem.
Em casa se aprende a ser livre para pensar,
não esquecendo os limites, para nunca abusar.

A sociedade espera que os jovens tenham consciência,
cresçam em todos os sentidos e queiram sempre o melhor;
façam suas escolhas, sem nunca se arrepender;
seja na vida amorosa, seja no que desejam ter.

*S*aber usufruir tudo o que a vida oferece
e manter postura decente em todo e qualquer lugar
deve ser preocupação de toda esta juventude
que quer tudo de bom e com toda a plenitude.

*T*erão que estar conscientes desta nobre missão:
levar uma vida decente, sem máculas e sem deslizes,
procurar vencer e alcançar aquilo que é sua vontade.
Assim vão encontrar, com certeza, a própria felicidade.



Enfim, restou a remanência, pois essa imagem lembra a excitação que ali se originava. Na avenida Marechal Floriano, por exemplo, era costume reunirem-se os blocos de carnaval, com adultos e crianças fazendo folia em plena rua.

Ah tempo que não existe mais... fica a lembrança da sensação de liberdade inocente, das pedras, do barro que virava poeira na rua, bem ali onde a gente interagia com toda vizinhança...

Além disso, não havia muros entre as casas, a não ser cercas de madeira com portões, mas tudo de fácil acesso. Quem já não pulou uma cerca para apanhar uma bola e logo ouviu um “Que faz aí?”, sabe do que falo.

Mas os tempos mudam. Lembro que “foto” se chamava “instantâneo”, que a rádio da cidade fixava altofalantes nos postes para transmitir notícias e músicas à cidade. Então, a gente se vê em meio a tudo mudado e tem que se adaptar... É uma pena que hoje tudo pareça o oposto: cercas elétricas, muros altos, vigilantes por todos os lados, medo e insegurança... Quando vamos poder bater-papo no portão, com a mesma naturalidade? Ou participar da Semana da Pátria, com a mesma empolgação?

Lembrando agora de meu pai, ele se chamava Manoel Pedro de Hilário, popularmente conhecido como “Títico”.

Meu pai



*Exemplo de amor e de coragem,
amigo da fé, da paz e da bondade.
Na luta cotidiana desta vida,
carrega um coração repleto de bondade.*

*A todo aquele que lhe pede ajuda,
não é capaz de pronunciar um não.
Esquece de si mesmo, no momento,
e bem depressa já lhe estende a mão.*

*Nos escassos fios dos seus cabelos brancos,
reflete a marca de alegria e dor,
de dias vividos com amargura
e de dias cheios de esplendor.*

*A imensa gratidão que a ele devo
externo, hoje, no seu dia consagrado.
Peço a Deus que lhe dê uma longa vida,
para que possamos tê-lo sempre ao nosso lado.*



Até hoje, a referência que faço, quando perguntam minha paternidade, é: “Sou filha do Seu Titico”. No início de sua vida ativa, ele trabalhou como ferreiro, transportador de postes de luz, entre outras coisas...

Depois, entrou na função pública como oficial de justiça, onde trabalhou até o final dos seus dias.

Meu pai era por de mais bondoso, mas mantinha uma postura firme na maneira de impor ordens e regras, sempre primando pelo certo. Não era como hoje, que pais agem totalmente de acordo com o desejo dos filhos. Acho que isso não é liberdade. Por outro lado, tive uma educação muito severa, onde tudo era visto como pecado... tudo era feio... sobretudo em relação à educação das meninas.

A minha mãe é a Maria Amália de Hilário, ou “Menina”. “Dona Menina”, para os de fora. Os apelidos se cristalizavam naquela época. Notam? Vejo isso como uma quebra de formalidade, optar por um nome mais curto. Para os íntimos, é claro, pois isso era inventado pela própria família, expressões de carinho que ficaram.

À Dona Menina cabia impor regras para as tarefas de casa. Por sorte, ela era muito calma e serena e, por vezes, abrandava nossas tarefas, mas sempre prezou por nos tornar boas “donas de casa”.

Minha mãe



*Tem sempre um sorriso pronto,
sempre um gesto de carinho,
que nos dá força e acalanto,
no percurso do caminho.*

*Quando a luta nos é árdua
e tememos fraquejar,
corremos logo ao seu lado
para nos encorajar.*

*Se alguma dor a aflige,
procura não demonstrar.
Suporta resignada,
calada, só a pensar...*

*São estas e outras virtudes
que nos fazem tanto amar
a adorável criatura
que é a MãE que Deus nos foi dar.*



As filhas sempre imitavam as mães... e eu, num acesso de consumismo, cismeí com um brinquedo que meus pais não podiam me dar... uma boneca de louça. Só queria ser mamãe também... Quem me deu o presente foi o cunhado, marido da Naura, minha irmã maior.

E a emoção foi muito grande. Era comum pôr nome nas “filhas-de-mentirinha”... a minha chamava-se “Suzanna”. Levei-a até a igreja para ser batizada, convidei uma amiga para madrinha da cerimônia e tudo mais. Porém, tínhamos que simular do lado de fora da igreja. Para adornar aquelas bonecas, tudo servia. Fazia roupas até com toalhas, nanava e embalava, dando atenção como se fosse um bebê real. Até hoje me pergunto como uma simples boneca pôde marcar tanto. Foi a primeira de louça que eu tive. Inesquecível.

Lembro que a mãe nos ensinava a preparar a merenda escolar, a gente levava isso de casa. Não se podia comprar fora, nem mesmo as escolas ofereciam. Muito tempo depois, sim, a merenda passou a ser fornecida pelas escolas, com recursos do estado. Enfim, naquele tempo, comíamos muitas frutas. As minhas preferidas eram banana e maçã, até porque não havia muitas opções, ou seja, a variedade de frutas que temos hoje no mercado não era a mesma daqueles meados do século XX.

Minha história de Natal



*E*ra noite de Natal.

Como muitas vezes fazia, eu ficava debruçada na janela do meu quarto, triste e cabisbaixa, na esperança de ganhar do “Papai Noel”, a boneca dos meus sonhos, igualzinha àquelas que outras meninas ganhavam todos os anos.

Já triste e inconformada de tanto esperar, corri para o meu quarto. Eis que para minha grande felicidade, estava ali, sobre a cama, a tão sonhada boneca. Guardo-a comigo há mais de meio século. Com ela, duas coisas aprendi: “que vale a pena esperar por aquilo que se sonha e que somente um brinquedo basta para fazer uma criança feliz”.

(Uma simples memória de Natal)



Ah! Lembro como se fosse hoje da neve de 1952. Tudo ficou coberto pelo manto de gelo, os campos, as casas, os Chevrolets e os Fords Mercury em frente à Praça Matriz.

Na adolescência, cultivava muitas amizades, nascidas na infância. Com as amigas mais íntimas, combinava até algumas fugidinhas, saindo para passear na praça central, dar umas namoriscadas, sem avisar em casa, é claro...

Comecei a namorar aos 13 anos, porém no sentido mais puro da palavra, que é inspirar amor em alguém e receber galanteios, cortejos, enfim, tudo acontecia apenas por olhares e recadinhos. Não se podia fazer tudo ao bel prazer.

Quando já grandinha, chegara a hora de cursar o segundo grau, mas não havia escolas desse nível em Soledade. Tive que estudar fora, na cidade de Cruz Alta, na Escola Santíssima Trindade. Foram três anos de internato, do qual tenho ótimas recordações.

Na época da juventude, da vida se transformando rapidamente, a mocidade tinha muito mais oportunidades de encontros. O Clube Comercial oferecia reuniões dançantes todos os sábados e domingos. A gente saía do cinema, o Cine Imperial, na época, e já sabia que a reunião estava começando noutro lado. E lá ficávamos até a uma ou duas horas da manhã, semanalmente.

Adolescência



*A*dolescência é fase que passa tão depressa.
Pensam num mundo de sonho e de quimera,
sem saber o que desejam e o que buscam,
nem como será o futuro que os espera.

*O adolescente se sente bem perdido,
Corre para cá e corre para lá, numa avidez,
de conhecer o mundo que o cerca,
querendo saber tudo logo de uma vez.*

*Tudo são flores, amores, fantasia.
Sem nada ver ao redor, procuram o seu espaço,
cantam, dançam, felizes e contentes,
buscando as carícias de um abraço.*

*O amor e a paixão comandam o seu mundo.
Vivem sonhando acordados, sorrindo sem perceber,
A vida é cor de rosa, aos seus olhos vibrantes,
desejando que a vida seja um eterno adolescer.*



Por isso, creio que era um ótimo momento para fazer novas amizades. Adoro isso! Até o meu futuro marido, vejam só, fui conhecer numa dessas reuniões.

Aos 19 anos, então, encontrei o namorado por quem me apaixonei para sempre. Seu nome: Gilberto Arthur Brockstedt. Tive um namoro bem vigiado e determinado, com horários e dias marcados para poder estar acompanhada, fosse no cinema, bailes, em casa... Andar de mãos dadas era o máximo... Beijos? Somente depois de muito tempo e ainda às escondidas...

Ele era natural de Pelotas e chegava a Soledade para trabalhar na Exatoria Estadual. Interessante... quando vinha um rapaz diferente para a cidade, já todas as moças ficavam de olho. Eu mesma, na primeira reunião dançante, confesso que já fui pensando em dançar com o Gilberto, mas não é que ele convidou a minha irmã para dançar primeiro! Porém, sem problemas, porque a gente se encontrou na semana seguinte, com toda a ansiedade acumulada.

E o namoro começou ali. Então, a gente ia ao antigo Café Elite para namorar, tomar refrigerante, conversar... Era o ponto chique, frequentado mais por mulheres. Depois, passou a ser lugar de homens.

Namorados



*G*osto de ver à tardinha,
na rua, os namorados
trocando juras de amor,
abraços, beijos e afagos...

*S*em nada ver ao redor,
caminham de vagarinho,
enquanto o sol no horizonte
se esconde bem de mansinho.

E surge a noite estrelada,
toda cheia de esplendor.
Vem a lua prazerosa
ouvir cantigas de amor.

E os namorados felizes
prosseguem no caminho,
arquitetando seu sonho
de construir um ninho.



Havia bailes grandes também, que eram abrilhantados com músicos da localidade... geralmente ao toque de acordeão. Eram exímios os músicos da época! Muito raramente dançava-se *jazz* ou as músicas gaúchas...

De vez em quando, vinham conjuntos musicais de outros lugares. Dava um público bem maior nessas festas.

Dizem que a década de 50 foi a dos “anos dourados” para o Brasil. Para mim também. Marcou...

Naquele tempo, ainda tinha o *footing*, assim a gente dizia daquelas caminhadas em frente à praça. Era um pra-lá-e-prá-cá incrível. E ali aconteciam os flertes, os olhares... tudo de forma muito sadia. Bem diferente, claro, com muito respeito, com muita educação. Fato é que ali também começavam a maioria dos namoros.

O início do *affair* entre eu e o Gilberto foi mais à distância do que de perto. Nossos contatos se davam através de correspondências... Eu num internato, para fazer o curso de magistério, na cidade de Cruz Alta, e ele em Soledade, trabalhando na Exatoria.

Acumulei muito romantismo e paixão expressos em versos e em muitas cartas de amor, dedicatórias, entre outras coisas... todas cheias de encantamento, expressas com um devir poético e romântico que dão um livro à parte. Quem sabe um dia publicarei isso tudo!

A chuva e a paixão



*C*hegam, de mansinho...

sem anunciar;

sem prometer ficar.

*Ora fortes, torrenciais,
em meio a trovejares que assustam.
Se esvaem, como se sangue fossem,
a inundar a terra complacente, que sedenta
quer salvar a seiva já perdida.*

E assim a estiagem passa...

*Precisamos da chuva e da paixão,
não importa se com violência ou mansidão...*

Precisamos delas...



Então, depois disso, ele passou a ser meu esposo. E, logo nos primeiros dias de união estável, um susto, dos grandes. Eu ainda não tinha filhos, recém-casada, morava num apartamento. Aconteceu que o prédio foi interditado com todos dentro, durante um dia inteiro. Eram os policiais da época cumprindo um mandato de prisão de um promotor de justiça que ali residia. Eram as ocorrências que se faziam durante a revolução de 1964. Na ditadura, andavam à cata de pessoas supostamente “subversivas”. Foi um ato totalmente inesperado e inusitado.

Bom, logo nos primeiros anos de casados, demos vida a uma ideia irreverente: criar pavões. É isso mesmo! E assim adquirimos um casal, pois admirávamos as lindas e magníficas aves, de exuberante charme, ostentado em plumas coloridas.

Então, fomos visitar um criador, na cidade de Candelária, para buscar as aves. Casualmente, este foi o dia em que o homem pisou na lua. Extravagante coincidência! Enfim, escolhemos um casal já adulto, pois queríamos procriar mesmo. E não é que os anos foram passando e fomos cada vez mais nos envolvendo com a criação destas raridades! Sim, e de tal forma que resolvemos levá-las para um sítio com viveiros especiais, devido ao aumento do plantel.

Pavão



*O*h mão divina, poderosa e sábia,
conclamando para ser o rei das aves,
um pavão altaneiro e forte,
com plumas multicores e suaves.

*O*stenta um leque, belo tremulante,
que faz estremecer febril,
a fêmea, companheira e delirante...

O tremular das lindas penas, tão serenas,
numa bela cena nupcial,
marca um momento de êxtase, que encanta,
provando ser obra divinal.

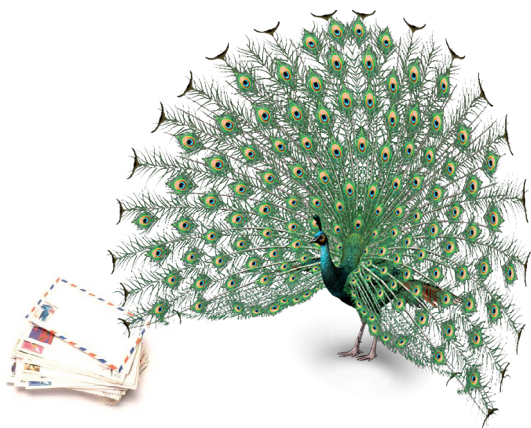
É a prova maior da natureza,
que fez tão belo este gigante,
onde Deus colocou tanta beleza.



Aí, esse lugar passou a ser visitado por pessoas interessadas em ver de perto os pavões, principalmente quando o macho abre o seu enorme leque de penas. Isso acontece quando quer fazer a corte para a fêmea.

Então, começamos a participar de exposições na cidade e em localidades vizinhas. Até as escolas levavam seus alunos para apreciar e entender a preservação das belezas da natureza. Ocasões estas em que explicávamos aos pequeninos que jamais se deve sacrificar uma ave apenas para usar as plumas. Quem tiver paciência, pode esperar que o leque é substituído naturalmente. A ave derruba as penas. Tem a ver com a função da postura, que ocorre de setembro a janeiro. Em lugares de clima mais quente, isso pode se antecipar, tão logo a fêmea coloque o último ovo, dos 15 a 20 que costuma produzir por temporada. Bem diferente da galinha, que põe inúmeros durante o ano.

A beleza dos pavões tem muito a ver com suas penas. No topo delas, um ocelo redondo cheio de pontos iridescentes é que dá a dimensão exótica e atraente à pluma. E isso encantou muitos seres humanos inclusive, pois em algumas culturas o pavão é visto como deus e anjo, sendo considerado montaria do Rei da Guerra para os indianos.



A cauda do pavão abre-se até dois metros, dependendo da espécie, o que também serve para assustar predadores, pois triplica visualmente o seu tamanho natural. Além da cauda, o macho tem frequentemente o pescoço azul, enquanto a fêmea não tem a grande cauda, seu pescoço costuma ser verde e as demais penas cinzas ou marrons.



Um momento muito lindo é o acasalamento. Quando a fêmea é tocada, o macho abre seu leque e a esconde debaixo de suas asas... um verdadeiro voo nupcial...

O Gilberto dedicava grande parte do seu tempo para conservá-los. Chamava os pavões de “reis da natureza”...

E, vejam só, meu marido era um grande filatelista... Teria esse gosto se formado a partir de nossa história? Afinal, trocamos cartas quase que ininterruptamente... A resposta é evidente.

Eu não podia esquecer de contar minha experiência de “mãe”. É algo divinal, sublime, gratificante! É ver nos filhos a perpetuação da vida... É uma continuação em forma de valores e princípios. O maior legado que se quer deixar. Tive a graça de ter cinco filhos, dos quais me orgulho muito. Sempre estão ao meu redor, prontos para servir com atenção, amor e carinho. E até tentam adivinhar meus pensamentos... tal como eu fiz com eles quando pequenos.

A minha primogênita é a Helenise, professora, que reside em Ijuí, depois veio a Marilise, psicóloga em Passo Fundo. E os três homens, para minha alegria, nasceram e continuam aqui na mesma cidade que eu.

São eles o Glauberto, médico ortopedista; o Ricardo, dentista, e o Ronaldo, proprietário do Café e Cultura.

Bebê



*B*om seria que cada recém-nascido
não conhecesse o que é dor,
que cada bebê o tempo todo vivesse
rodeado só de amor.

*D*e um berço, adormecido,
transmite paz e harmonia.
Basta o mundo entender,
que ele só traz paz e alegria.

*S*er bebê é mais que amor,
é colinho a lhe amparar,
é aconchego e afagos,
e braços pra lhe embalar.

O aperto, o beijo e o abraço,
uma linda canção de ninar,
nunca devem lhe faltar,
assim como ter sempre quem o amar.



Ah, não posso deixar de considerar “filha” a Laís, uma sobrinha que viveu com os avós e cresceu com a gente. Hoje, ela é historiadora.

E tenho também muitos netos. São seis. Dois deles são caçulinhas: o João Pedro e a Nicole. Os outros são mais grandinhos: o Leonardo, o Gabriel, a Graciela e o Guilherme, todos fonte de alegria para a vida da gente.

Ver meus netos, principalmente os mais pequenos, formando suas próprias escolhas, faz-me lembrar da minha tenra idade, das oportunidades aproveitadas, dos incentivos. E, assim, entendo muito do que sou hoje, pois, quando menina, o que queria ser quando crescesse era algo ligado à educação, porque gostava de ler mesmo... tinha acesso aos livrinhos de uma prima, da edição Melhoramentos: “*Galinha dos ovos de ouro*”, “*O príncipe encantado*”, entre outros que lia e relia. Às vezes, pego-me pensando na infância de hoje, que tem tudo pronto. Basta sentar num sofá e a TV dá o desenho pronto. Desse jeito parece que a imaginação não precisa ir muito longe... O problema é que deveria alçar grandes voos, criar imagens, paisagens no pensamento, enfim...

Vale lembrar das apresentações na escola. Eu gostava de declamar, representar personagens de pequenas peças teatrais, cantar.

Acróstico aos netos caçulas



*Netinha dos meus encantos
Inspira meiguice e ternura
Com seu jeito de ser mimosa
Olhos de criança tão puros
Linda, inteligente e graciosa
É tudo que a faz tão formosa*



*João Pedro linda criança
Olhar brilhante, azul celeste
A todos um sorriso pronto
O que encanta e enternece*

*Percebe tudo ao redor
Escolhe tudo o que quer
Dá a mão e pede ajuda
Ri e chora por algo qualquer
O que marca essa gente miúda*



É que a gente, no tempo de ginásio, fazia horas cívicas todos os sábados, trabalhando as datas comemorativas do mês. Ali, a gente tinha a oportunidade de se expandir.

E, sempre que havia oportunidade, assistia a bons filmes, que raramente eram apresentados no cinema tradicional, hoje já extinto...

Meu destino me levou a trabalhar na área da educação e da cultura. Fiz carreira no magistério e comecei a desenvolver-me por etapas. Fui professora primária por muito tempo, passei por várias escolas da cidade, tendo sido a primeira a Julia Lopes de Almeida, cuja diretora foi Zenite Ribas, uma pessoa muito dedicada, exímia diretora. Deixou boas marcas em quem aprendia com ela.

Depois, fui para o Álvaro Leitão, Maria de Abreu Lima e, após, diretamente para o ginásio. Como muitas, fui “*contratada*” e, na época, as “*contratadas*” não podiam permanecer na cidade. Então, fomos cedidas ao ginásio. Designaram-me para uma terceira série primária, para dar aula de Língua Portuguesa, e também para outra primeira série, do curso ginásial.

Lembro-me de alunos exemplares, como o Getúlio Vasconcellos, o Macário Scorsatto, entre vários outros...

Mais tarde, com os filhos já grandinhos, fui fazer faculdade em Ijuí. *Nunca é tarde para estudar!*

Folclore



*M*úsicas, danças, brincadeiras e crenças,
tudo isto é a verdadeira tradição
que simboliza o folclore,
de geração em geração.

*A história de um país, para ser bem conhecida,
precisa que saibamos tudo que nele tem,
da sua cultura e costumes,
dos hábitos que mantém.*

*Seja em cantigas, lendas, ou numa canção de ninar,
os nossos antepassados devem ser relembrados,
nunca esquecidos por este mundo afora,
contados pelo seu povo, como também propagados.*

*Cultuar e respeitar, dando o devido valor,
deve ser inerente em qualquer ocasião,
fazendo bater no peito
o que guarda o coração.*



E que curso escolhi? Formação superior em Letras, é claro. Depois, uma pós-graduação em Folclore, pelo Paulestrina de Porto Alegre. Nesse tempo, também me atinha à leitura de livros, uns recomendados pelo curso, outros que escolhia livremente, em bibliotecas ou adquirindo em livrarias. *Nossa!* A influência em ser poetisa veio desses momentos bem vividos. Isso aí favoreceu-me muito.

Porém, é claro, não foi fácil conciliar as ausências com o cuidado aos filhos. Ainda bem que meus pais sempre moraram por perto e foram o esteio que me segurou para poder vencer, assim como meu marido, que, pela sua abnegação, dedicação e acompanhamento aos pequeninos, deu-me alento para fazer tudo o que fiz.

É curioso pensar que muita gente nasceu e se criou em Soledade sem nem pensar em mudar para um centro maior. Acho que isso tem a ver com a facilidade, o convívio e as amizades criadas... Em mim, sempre existiu um sentimento telúrico forte pela terra natal.

Aqui temos qualidade de vida. Nunca sonhei migrar. Uma escapadinha, por saúde, compras etc., pode ser.

E, nesses momentos, às vezes, notamos que a vida numa cidade interiorana é diferente da de um grande centro. Aqui, pelo menos, os dias são tranquilos, sem atropelos e, mais importante, a gente sabe *quem é quem*....

Vida no interior



*L*onge da cidade grande, vive o homem do interior.

*Procura ficar atento a tudo que lá existe,
saber o que acontece com o povo civilizado,
escutando rádio ou TV, para ficar bem informado.*

*Ao sair de casa, fica um tanto encabulado,
não sabe o que vão pensar do seu jeito de ser.
Capricha no vestir, usando o que melhor tem.
Mesmo assim não sabe se só isso convém.*

*Leva uma vida mansa, tranquila, sem atropelos.
Cultiva o que é necessário para sua subsistência,
sem recorrer ao que de moderno há,
pois come frutas e verduras sem ter que buscar por lá.*

*Assim é a vida, sempre feita de dois lados.
O que não se deve esquecer diante de tudo isso,
em qualquer lugar que o homem possa estar:
a ninguém cabe o direito de logo discriminar.*



Já na capital, por exemplo, tudo é corrido! É inegável, porém, a vantagem em estar próximo dos ditos *recursos modernos*, que proporcionam um *certo viver melhor*, em termos de saúde, educação, comércio... mas e o sossego?

De qualquer forma, não dá para escolher só benefícios, só vantagens. A felicidade está nas convivências... E a gente vai vendo que a vida é feita de dois lados: momentos bons e momentos difíceis. A felicidade não é um estado contínuo. Ela chega por partes. E até podemos dizer: “Não há uma vida feliz!” ou “Não há uma vida infeliz!” A verdade é que é uma mescla. Vivemos momentos bons e ruins e isso aí faz parte da vida de todos.

Eu já passei por sustos, por muitas coisas desagradáveis, mas as piores mesmo foram as perdas dos entes queridos, quando se perde a prezada “convivência”.

Primeiro, foram meus pais, dois irmãos, alguns tios, sobrinhos e o marido.

O Gilberto foi tudo para mim. Vivemos quarenta e seis anos na mais completa harmonia, em cumplicidade, companheirismo total. Então, sua ausência me abalou muito. Parecia que o teto havia desabado sobre mim, pois não estava mais o companheiro, o amigo, o apaixonado, o meu mestre, porque muito aprendi com ele. Tenho certeza!

Acróstico para o Gilberto



Grandiosidade de espírito
Inúmeras qualidades tem
Leva uma vida feliz
Bem junto de quem quer bem
Entende da Natureza
Respeita o que Deus criou
Trata a todos igualmente
O pobre, o rico e o que falhou

Ama a todos que o rodeiam
Reparte o seu saber
Trabalha incessantemente
Horas a fio, com prazer
Usando sempre o bom senso
Realizando o seu dever



Então, tudo virou saudade, aquela saudade de que gostamos sentir, porque nos faz reviver em pensamento o que foi bom e o que amamos nesta vida. O tempo passa rápido... já faz seis anos, mas ele deixou os melhores presentes, que Deus também nos dá, os filhos maravilhosos, que, por sorte, foram o impulso e a direção do meu barco que ficou sem leme... e hoje são o meu sustentáculo. Tenho força, garra e gana de viver *por e entre* eles.

É claro que tenho muita fé em Deus. Isso ajuda também. Por mais que não seja frequentadora assídua da igreja, tenho minhas orações da noite, da manhã e até os pedidos fora de hora... pois as orações espontâneas, que nascem do coração, também são uma conversa com Deus. Isso pode acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar. Até pela rua. Isso resume minha fé e me dá ares para sonhar. A gente deve sempre sonhar. Aprendi que, quando os sonhos terminam, a vida termina.

Um dos meus sonhos é que meus filhos se mantenham felizes e bem sucedidos, sempre. A felicidade da gente depende da deles. É claro que tenho um outro sonho, que ainda não realizei... mas vai chegar o dia. Isso também é tema de próximo livro à parte. *Quem sabe um dia!*

E um princípio que levo em meu peito e sempre repassei aos meus filhos diz respeito à participação.

Foi assim



*O*s pés sem chão, o teto desabado,
um olhar vago, desvairado,
assim fiquei por longo tempo,
despreparada para aceitar este momento...

*N*ão estava preparada, não estava,
para viver sem teu beijo e teu abraço,
perdida a caminhar na escuridão da noite,
procurando reencontrar o bem-amado.

*N*o horizonte aparecia, sutilmente,
um vulto que eu via vagamente.
Logo vi ser ilusão, uma utopia,
um sonho, um pesadelo, fantasia...

E esta ideia, foi ficando vaga.
Saiu do sonho e do desejo louco
e a realidade foi chegando pouco a pouco...



Não estou falando de política. Quero dizer que, seja para uma festa, seja para um casamento, um aniversário, um café, um bate-papo, jamais podemos nos omitir... De uma forma ou de outra, se não for em presença, que seja por um recadinho, um telefonema, um cartão. O segredo é expressar-se! Nunca omitir-se, pois a indiferença fere!

Devemos estar atentos a isso, pois a felicidade também, e mais intensamente, está contida nas pequeninas coisas da vida. Resta cuidar para que não passem despercebidas por nós. *Que sejamos felizes!*

*Até este ponto do livro, estive ao lado
de minha própria poesia, cuidando-a,
nutrindo-a, direcionando-a... Bem ao
estilo de mamãe coruja que sou.*

*Todavia, creio ser este o momento ideal
para libertá-la. Assim, pode seguir seu
próprio caminho, fazendo-se entender
por suas próprias forças...*

Ensinando, aprendendo, interagindo!

Felicidade



*E*scapa das mãos,
se esconde...
misteriosamente...

*T*ão almejada,
tão sonhada,
ardentemente,

*onde é sua morada,
perdida no tempo,
querendo ser alcançada.*

*Ora de um lado, ora de outro,
aqui ou acolá,
onde andará?*

*Bem próxima, ou tão distante,
parece ser inconstante,
nesta vida de incertezas.*

*Queremos tua presença.
Que sejas nossa companheira,
fortalecendo a nossa crença.*



Chuva



*C*hove... chove fortemente,
um transbordar de águas incontidas.
Eu à janela, contemplando triste,
e as lágrimas a cair, em prantos repetidas.

*D*ia cinzento, escuro e melancólico.
Vejo que a chuva deve cair, por certo,
mas meu chorar e todo este tormento
é não poder ter você sempre por perto.

*V*em uma explosão de sentimentos vagos
e vejo que a chuva para, bem depressa,
dando lugar a um sol, forte e brilhante
que chega, imponente, todo em festa

*M*as tudo passa, esta vida é assim.
Depois da tempestade, certamente é a bonança.
Tudo vai... tudo vem... tudo segue...
para retornar em forma de esperança.



No sítio



*Ali, fiel e sobranceiro,
à espera de quem chegar-lhe queira,
cujos braços abertos, por alguém espera.*

*Testemunho de encontros, risos, acalantos,
sequer viu um dia de amargura e prantos.*

*Ali está, qual paraíso aberto,
a oferecer suas dádivas, por certo:*

*uma flor, um viçoso arbusto, as aves no terreiro,
um tremular de plumas de um pavão faceiro,
a cortejar sua fêmea num enlevo nupcial.*

*E o rio a correr, sereno, manso,
faz sinfonia ao deparar com as pedras.
Um lenitivo para se ver e ouvir,
deitar na rede e ali ficar.*

*O cheirinho de mato a exalar nos ares,
dá a sensação de um respirar profundo...
e tudo ali parece um novo mundo.*

*A terra fértil, sempre produtora,
exibe frutos à mercê da gente,
nas pitangueiras, no velho parreiral.*

*Nas árvores frondosas e altaneiras,
as folhas balançam, ao sussurrar do vento,
dando acolhida, na sua sombra amiga.
Muito bom estar ali, neste momento!!!*



Por quê?



*Um mar imenso, majestoso,
a vastidão dos campos,
um céu infinito, imensurável.*

Por quê?

*Quisera saber mesmo por que
a vida, tão pequena, breve,
efêmera, fugaz, tão passageira,*

se esvai num leve sopro, de repente?

*Fica o grande mar, um vasto céu brilhante
e a amplidão dos campos verdejantes.*

Por quê???



Na sala



*N*o silêncio da noite, desatinadamente,
não sei por que neste momento incerto
tive a ilusão frustrante de encontrar na sala
alguém a sorrir e a me esperar, por certo.

E tudo parecia conspirar para o feliz encontro:
uma música ressoava, ao longe, docemente,
e um perfume de rosas invadia a sala preparada
para testemunhar a cena deste amor fremente.

*M*as eis que de repente o sonho finda,
um sonho louco, lindo, uma quimera,
e a realidade cruel, incompaciente,
deixa voltar tudo como antes era.



Ao vento



*A*ndar ao vento, sem destino certo,
correr... procurar, nada encontrar,
conhecer tudo... conhecer mais... conhecer nada,
na grande ânsia de querer sonhar.

*S*onhar com mãos abertas estendidas,
longe na geografia, longe no tempo.
Emoção forte, permanente e viva,
num encanto mágico e indelével do momento.

*M*omento tão nosso e, por vez, tão meu,
tão distante, tão próximo, tão ausente,
parecendo estar sempre presente.

*A*ssim seguem-se os passos, rumo ao vento,
a soprar incansável... avidamente,
para encontrar pelo caminho afora
esta ilusão que em mim perdura, fortemente!



Crepúsculo



*A*o entardecer, quando as luzes já se ofuscam,
o sol vai se escondendo, lentamente,
engalanado de vestes multicores,
acenando para se despedir do longo dia.

*T*imidamente se esconde atrás dos montes,
para chegar a noite, cujo manto negro
vem sem piedade lhe roubar a cena.

É um momento de paz, serenidade,
em que não se teme o imprevisível...

Oxalá, a noite seja um céu aberto,
coberto de estrelas cintilantes,
para não contrastar com aquele sol brilhante.



Dia dos Pais



*A*o meu querido pai,
uma homenagem neste dia.
Peço a Deus que lhe conceda
muita paz e alegria.

*E*ste livro que lhe oferto.
É dado de coração,
pois sei que decorar versos
é sua grande distração.

*Decorar versos de hoje
e versos de antigamente.
Não sei como é que consegue
guardar tudo em sua mente!*

*De ter o pai que tenho,
sinto orgulho e vaidade.
É um pai bonito, charmoso,
que nem demonstra a idade.*

*Hoje é Dia dos Pais
e eu quero confirmar
que não existe no mundo
alguém que o possa igualar.*



Acróstico ao Noronha



*Felicidade, afeição
Espalha por onde passa
Leva no peito guardada
Imensa recordação
Pra cada amigo que encontra
Entrega seu coração*

*No fino trato que ostenta
O seu jeito de ser retrata
Revela a alma que tem
O caráter e a ação sensata
Na trajetória da vida
Há sempre consigo um lema:
Amar pela vida afora*

*Dar o peito como emblema
E lembrar quem o adora*

*Mesmo partindo pra longe
E na distância estiver
Lembra sempre aos seus amigos
O quanto que ele lhes quer*



Contrastes



A noite... o dia... a tristeza... a alegria...
o bem, o mal... a terra... o mar,
vida feita de dois lados,
não tem como mudar...

*Q*uisera que a vida fosse
igual neste vai e vem,
que nunca nada faltasse
na mesa de quem nada tem...

*Q*ue a paz e o amor reinassem
sem violência e ambição,
que todos os irmãos ficassem
unidos de coração...

*E*ntretanto, é assim,
o sol nasce para todos,
sem nenhuma ambição.
Em nossas mãos está,
vivermos em comunhão...

A maior riqueza que existe,
devemos ter a certeza,
é aquela que Deus dá na sua infinita bondade,
muita saúde, amor e paz,
que o resto é a gente quem faz...



Esperança de prenda



A história que eu vou contar
é uma história verdadeira.
Conta a vida de uma prenda,
toda bonita e faceira.

*V*ivia numa fazenda,
bem longe, lá no sertão,
um peão apaixonado
pela filha do patrão.

A prenda, por sua vez,
também era apaixonada,
embora o pai não quisesse,
o namoro nem por nada.

A tardinha, após a lida,
todos iam descansar,
sentados numa varanda,
para rir e conversar.

*S*arita, que era a moça,
ficava só a pensar,
alimentando a esperança,
de um dia poder casar,

*A*o deitar, sempre rezava
para a Virgem lá do céu,
que lhe desse a grande graça
de vestir um lindo véu.

*O moço, pobre e humilde,
não passava de um peão,
mesmo assim ela o queria,
não importava a condição.*

*Aos pés da Virgem Maria,
Sarita muito implorava,
sabendo que pouco a pouco
a sua graça alcançava.*

*Uma noite, ajoelhada,
ouviu seu pai lhe chamar
para dizer que o namoro
não iria mais contrariar.*

*A prenda saiu correndo,
para o moço encontrar
e dizer ao seu ouvido
o que o pai lhe fora falar.*

*Bem feliz e contente,
não escondeu a emoção.
Pegou-lhe a mão, com carinho,
e disse-lhe logo a lição:*

*Riqueza, maior riqueza...
Deu-lhe ela explicação.
Não é fazenda, nem gado,
é a que sai do coração.*



Graciela, neta querida



*G*raciela, neta querida,
encanto da nossa vida,
hoje é teu aniversário!
Recebe o mesmo carinho
que ganhaste no berçário.

*N*o dia em que tu nasceste,
nasceram todas as flores.
Veio em plena primavera,
toda cercada de amores.
Deus te abençoe sempre
nos caminhos onde fores.

*Q*ue tenhas toda certeza
do quanto nós te amamos
e o muito que admiramos
tua meiguice e pureza,
trazidas da natureza.

*F*elicidade, Graciela!
Nossos beijos e abraços.
És hoje bela rainha,
já não és mais menininha.
Queremos, porém, que caibas
sempre “no colo”, inteirinha.



Vai a tarde



*V*ai a tarde, entristecida,
parecendo despedida...
Céu cinzento, escuro...
traz a saudade sorrateira,
que devora a alma por inteira...
É tudo um marasmo intenso...
coração descompassado,
uma tristeza infinda,
sentindo nesta hora melancólica,
o que a noite vai trazer, ainda...
vem com ela esperança, ilusão,
desenganos e amores,
que fazem passar todos os temores...



Jamais



*Oh palavra incontestável, limitativa,
que desengana, sendo assim tão restritiva.*

*Solta no ar, se perde no infinito...
sem mais querer deixar acontecer
tudo aquilo que já não mais quer,
pondo fim a uma decisão qualquer...
Palavra taxativa que nos faz doer,
aquilo que não vai mais ocorrer.
Soa aos ouvidos como tristes ais,
negando-se a voltar, retroceder,
marcando a certeza de um “nunca mais”...*



Carta ao Sr. Noronha



*A*gradeço, com carinho,
aqueles doces gostosos,
que, além de finos e bons,
estavam mui saborosos!

*S*ão gestos tão singulares,
bem próprio do seu Noronha,
que quer para seus amigos
uma vida sempre risonha.

*B*em sei que, mesmo longe,
cultiva nossa amizade,
sem nunca esquecer os amigos
da velha Soledade.

*Q*ue estes versos lhe digam
o nosso “Muito obrigado”.
*Q*ue Deus lhe dê tudo em dobro
e que seja sempre lembrado.



Incerteza



*O*lhar o vago, o infinito,
as matizes ofuscantes do poente,
num horizonte largo e tão distante
me fazem perplexa, pensante...

A divagar prossigo,
sem rumo, sem destino certo.
Um turbilhão de pensamentos surge
sem eu saber, se ali fico, ou o caminho sigo.



Pombo-correio



*V*oa depressa, pelo norte ou leste.
Esta mensagem leva
pelo azul celeste...

*L*eva no bico,
que aqui eu fico
esperando ansiosa
que para cá tu voltes.

*P*ombo-correio,
se der um desencontro,
não percas nenhum segundo,
voa bem alto, por este vasto mundo...

*V*oa, voa ligeiro, meu mensageiro.
Volta para mim, que aqui te espero,
sem nunca te perder neste mistério.



A vida



*C*omo é bom viver a vida em plenitude,
seguir em frente, olhos para o alto, sem temer,
buscando a amplidão do infinito,
onde está tudo aquilo que queremos ver.

A esperança e a ânsia de vencer
levam a pensar, longe, bem distante,
procurando sentir a alma deslumbrada,
desnudar-se suave e extasiante.

*D*eixar fluir, sem nada interferir,
alçando voo, sem um rumo certo,
voar, voar... braços abertos, estendidos,
para encontrar o que queremos perto.

*V*oltar atrás, buscar o já perdido,
nem sempre encontrar o que buscamos.
Seguir em frente, pelo caminho não percorrido,
num amanhã por nós desconhecido.



Entrada triunfal da primavera



*Permite-nos apreciar a beleza das flores
e o suave perfume que exalam.
Os dias ficam brilhantes,
engalanados de vestes multicores.*

*Tudo é mais bonito, tudo é encantamento,
o sol resplandecente se faz rei no firmamento.*

*As flores se entregam por inteiras,
os pássaros voam mais alegremente,
tudo é beleza, tudo é fascinante,
na primavera que chega triunfante.*



Entardecer



*N*o céu escuro, entre nuvens,
surge a lua bem faceira,
sabendo que dará luz
para toda a terra inteira.

O céu escurecendo,
a lua aparecendo,
tudo muda na gente...

*V*em a saudade, na porta,
para dizer ao pé do ouvido
que nada fica esquecido
e, se esquecido, nada importa.



Selos



Selos, uma estampilha postal...

próprios para franquear correspondência,

como também para serem bem guardados

com todo zelo e especiais cuidados,

num trabalho de grande paciência...

coleccionados pelo seu valor histórico,

por quem possui certa habilidade

de seleccionar temas importantes,

que ficarão para a posteridade...



Acróstico para o Maestro



***R**ei del bandonión, és por cierto
Inspiración divina
Con mucha garra y fuerza
Así segui con su talento inmortal
Respeto, cariño y afecto
Donde quieres que vaya por el mundo
O donde esté, lo queremos cercano*

*Viví hoy el momento más sublime
Un día muy esplendoroso y lindo
Ojalá, nosotros podriamos quedar
Riendo y cantando bién cerca
Inmortalizando el artista mayor*

*A su vida lo hace muy contento
Recuerda todo el camiño
Nunca olvida sus amigos...
Entonces, hacemos lo mismo*



Acróstico para a Dona Jeni



Jovem de mais pelos anos que passaram
E, na verdade, já passaram tantos...
Não importa a soma destes anos todos
Importante é vivê-los com magia e encantos

Cada vez mais a vida lhe fascina
Há tanta coisa boa em seu viver
A família, as amizades, que cultiva
Isto é que vem bem lhe fortalecer
Sente-se sempre protegida e amada
Em sua bela e ditosa caminhada

Bendita seja a luz que a ilumina
Os filhos, os netos, toda a sua gente
Rodeada sempre de grandes alegrias
Garantem-lhe prosseguir feliz, em frente
E que Deus lhe conceda, por onde passa
Saúde, paz, fé, amor e graça...



Magia da palavra



*O*h, palavra mágica! Bendita sejas sempre!
És a melodia, és o som do pensamento!
Nesta vida, sem ti, nada seria...
e o mundo todo, enfim, se calaria.

*T*ens o poder de desenhar, por certo,
qual um retrato estampado no papel,
deixando a marca fiel e verdadeira,
de tudo que povoa a nossa mente inteira.

O som do pensamento vem à tona,
balbuciando palavras e murmúrios,
que ora podem ser blasfêmia, ora ternura,
uma promessa ou um cantar de falsa jura.

*E*m ti ressoam palavras doces e apaixonantes,
como também de amarguras, ofensivas,
que nascem proferidas num momento
e se confundem num turbilhão de pensamento.

*É*s capaz de transformar este universo todo
com a magia de ser doce e pura.
Em tudo que expressas tem um toque de emoção,
fazendo pulsar e bater forte o coração.



Acróstico para o Rodrigo



Respeito, admiração é tudo que ele merece

O exímio professor, o amigo, o educador

Domina com competência e grande sabedoria

Reforçando os conteúdos bem como a gente queria

Interpreta com clareza a vasta legislação

Gosta de ensinar com calma e muita paciência

O que tudo precisamos para “nossa aprovação”



Vida



A vida tem coisas lindas

Que podemos desfrutar,

porém sem abusos...

para que não percamos a chance

de usufruir de sua plenitude

sem do mel se lambuzar.



Conta-gotas



*N*ão fique alheio ao seu redor!



*C*onsidere cada convite uma grande honra.



*S*aremos para contemplar... e pensar.



*A*s oportunidades chegam na hora oportuna.



*S*laneje no silêncio.



*A*s vezes, devemos nos desligar
de tudo para relaxar, orar, agradecer e pedir.



*N*os coloquemos no lugar do outro.



*S*aiba sempre dizer a verdade.



*T*emos que prestar atenção naquilo que é singular,
afinal nem sempre se repete.



*A*s coisas, às vezes, são muito parecidas.
Cuidemos para que não interpretá-las mal,
pois nem sempre o que parece é verdadeiro.



*N*ada julgue por uma única evidência.
Olhe a frequência com que as coisas acontecem.



*O*ssuir bens suficientes, ter conforto e poder fazer
o que se sonha é o que basta.







Escrever é caminhar para a berlinda, transparecendo a cada passo, a cada página, um pouco do que fomos, do que somos e do que seremos.

Por mais refinadas que sejam as palavras, ainda assim se pode perceber a história de quem as escolheu.

Rendendo-me a essa premissa, confesso que tudo aqui se trata de minha interação com os demais, com meu tempo, com meus amigos, com meu universo. A bem da verdade, sem isso, meu espírito não seria capaz de sussurrar-me sequer um verso.

Desvendo, então, meu eu lírico em forma de poesias contextualizadas em alguns fatos e impressões de vida. Afinal, poesia é a arte dos versos característicos de uma pessoa, de um povo, de uma época. Sou, porém, uma personagem coadjuvante nesta história toda. O papel principal é daqueles com quem convivi.

A ideia é que se sintam representados neste livro de versos, alguns livres, outros providos de rima. Todos, porém, com associações harmoniosas de palavras...



Não fui agraciada com poderes divinamente criativos, mas posso despertar um pouquinho de emoção, de enlevo e de sensação de beleza naqueles de alma transformadora. Isso porque acredito na estética da vida, como sugeria Graça Aranha: “A tragédia fundamental da existência humana está nas relações do seu espírito com o universo. A concepção estética do universo é a base da perfeição.”

Para conhecer mais desse pensamento e de mim, basta abrir o livro. Prometo contar o que esses pavões e as cartas têm a ver com tudo isso...

Glaura Hilário Brockstedt



As histórias e poesias desta obra são simples, menos enigmáticas e mais deduzíveis do que as tradicionais composições em verso. Não que demandem menos reflexão, na verdade as pontes temporais que cria a autora dão muito o que pensar, principalmente em termos de sociedade e educação.

É que Glaura Hilário Brockstedt testemunha fatos e emoções que marcaram sua geração, ilustrados em poesias... Esta forma criativa de expor o concreto e o abstrato intelectualmente organizados em sua mente, só pode ser fruto de sua experiência nas áreas de letras, educação e folclore, onde a inovação é constante.

Assim, o eu lírico da autora, imaculado, austero, tranquilo, mas avesso a certos atropelos da vida moderna, fica mais evidente. E a idiossincrasia que representa esse intelecto também, revelando mais sobre os sentimentos e costumes que definem a vida em cidades pequenas. E até o fazer poético desnuda-se, sendo possível testemunhar o nascimento da poesia...

Charles Pimentel,
editor



E-book / PDF

978-65-990746-7-7



www.meritos.com.br